

PALAVRA E NATUREZA NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Murillo Hochuli CASTEX¹

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre palavra e natureza em poemas da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Para isso, analisam-se três poemas da autora: “Um dia”; “Manuel Bandeira” e “Navio Naufragado”, os quais evidenciam o emprego de recursos sonoros e imagéticos que sugerem relações de consonância entre palavra e natureza. Como fundamentação teórica, relacionam-se autores das áreas de estudos literários e estudos da linguagem que refletem sobre a modernidade, especificamente a modernidade portuguesa, bem como autores que defendem uma perspectiva ecocrítica, com o intuito de repensar as práticas de exploração do meio ambiente estabelecidas até a contemporaneidade.

Palavras-Chave: Sophia de Mello Breyner Andresen. Ecocrítica. Poesia. Literatura Portuguesa.

WORD AND NATURE IN THE POETRY OF SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

ABSTRACT

This article investigates the relationship between words and nature in poems by the Portuguese poet Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). To this end, three of the author’s poems are analyzed: “Um dia”; “Manuel Bandeira” and “Navio Naufragado”, which highlight the use of sound and image resources that suggest consonant relationships between word and nature. As a theoretical basis, authors from the areas of literary studies and language studies who reflect on modernity, specifically Portuguese modernity, are listed, as well as authors who defend an ecocritical perspective, with the aim of rethinking established environmental exploitation practices until contemporary times.

Keywords: Sophia de Mello Breyner Andresen. Ecocritical. Poetry. Portuguese Literature.

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Faculdade UNINA. E-mail: murillo@unina.edu.br

INTRODUÇÃO

As representações da natureza ocupam um lugar central na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, nascida na cidade do Porto e consolidada como uma das principais vozes da literatura em língua portuguesa do século XX. Ao examinarmos textos dos seus 14 livros de poemas publicados e os poemas dispersos que reuniu ao longo de sua vida, é possível observar que Andresen constantemente propõe um encontro com as formas dos elementos naturais (MOISÉS, 2013, p. 463).

Tal recurso, apresenta-se como um contraponto ao mal-estar experimentado em relação à modernidade, particularmente à modernidade portuguesa, um período no qual o país enfrentou duras privações sob o regime salazarista (LOURENÇO, 1992, p. 22). Assim, apesar da luminosidade que caracteriza seus versos, a poeta não deixa de revelar também uma perspectiva sombria da existência, marcada pelo confronto com um período de rupturas.

Nesse sentido, é importante destacar o momento histórico vivido em Portugal, à época sob o regime ditatorial salazarista, instaurado no país entre os anos de 1933 e 1974 e responsável por impactar profundamente a obra da autora. Assim, Andresen expõe em seus versos a “fragmentação de um mundo e tempo divididos, no qual resta ao poeta buscar uma superação por meio do uso da linguagem” (MALHEIRO, 2008, p. 20). É justamente em face das tensões vivenciadas nesse período histórico, que a autora revela em sua obra a busca por uma aproximação às formas da natureza, de maneira que sua poesia é concebida como uma “arte do ser” (ANDRESEN, 2015, p. 891).

Com o intuito de confrontar a experiência de uma modernidade, nas palavras de Antonio Candido (2011, p. 171), “profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização”, Andresen volta-se para a representação dos seres e elementos da natureza, de modo a evidenciar a procura por um “tempo puro’ que se ultrapasse a si próprio numa afirmação atemporal de eternidade” (MALHEIRO, 2008, p. 129).

Em face de tais aspectos constituintes da poética da autora, o presente estudo toma por base a análise dos recursos textuais presentes em três

poemas de Andresen: “Um dia”; “Manuel Bandeira” e “Navio Naufragado”, buscando relacioná-los ao campo da ecocrítica, que formula uma proposta de análise ecocêntrica em relação ao texto literário. É possível afirmar que muitos dos poemas de Andresen se apresentam intimamente vinculados a uma visão de orientação ecocrítica, que fundamenta um olhar consciente sobre a necessidade de preservação da vida e do meio ambiente.

Desse modo, conforme propõe Eduardo Lourenço (2019, p. 156), por cantar “a evidência elementar do vento, da bruma, do mar, do jardim exposto e secreto, com a sua divina e opaca linguagem”, Andresen propõe uma integração entre poesia e natureza em sua obra. É justamente por meio desse olhar lançado para as formas da natureza que a sua linguagem sugere ao leitor, a reflexão sobre as práticas de domínio exercidas sobre a natureza e potencializadas a partir da modernidade.

Diante das perspectivas destacadas, este estudo tem por objetivo investigar os poemas “Um dia”, “Manuel Bandeira” e “Navio Naufragado”, a fim de verificar de que formas a linguagem poética empregada por Sophia de Mello Breyner Andresen estabelece uma perspectiva de consonância entre palavra e natureza. Para tanto, os seguintes objetivos específicos serão desenvolvidos: identificar, nos textos selecionados o emprego de diferentes recursos textuais que estabelecem a ideia de consonância entre palavra e natureza, bem como compreender de que maneiras essa evocação poética pode ser associada a uma postura ecocrítica.

Dessa forma, propõe-se a análise de alguns dos aspectos definidores da obra de uma das principais vozes da literatura em língua portuguesa do século XX. Por meio da apreciação bibliográfica da obra de Andresen, esses aspectos serão desenvolvidos a partir do diálogo com obras de autores das áreas de estudos da linguagem, de estudos literários e da linha de pesquisa ecocrítica.

PALAVRA E NATUREZA EM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Em: *O estudo analítico do poema*, Antonio Candido argumenta sobre uma nova percepção acerca dos recursos sonoros do poema com base na

sensibilidade poética decorrente do Simbolismo, movimento literário em que tais recursos “adquiriram renovada importância e sofreram um processo de intensificação, em virtude da busca de efeitos sinestésicos e musicais” (CANDIDO, 2006, p. 41). A poética de Andresen, mediante um lirismo que “parece brotar das mesmas nascentes em que se abeberavam os poetas simbolistas e seus modernos continuadores” (MOISÉS, 2013, p. 462), mostra-se intimamente vinculada a um sentido musical, uma vez que a autora desenvolve, com uso de diferentes recursos poéticos, uma sensível percepção que atenta para a aura das coisas que contempla (MOISÉS, 2013).

Conforme Pereira (2003, p. 102), Andresen utiliza os mais diversos recursos textuais – como enumeração, quiasmo, sinestesia, comparação, animismo, alegoria e prosopopeia – a fim de conceber uma poética que pretende encontrar o “poema imanente”, como a autora sugere em um de seus ensaios críticos, “Arte Poética IV”: “deixar que o poema se diga por si, sem intervenção minha (ou sem intervenção que eu veja), como quem segue um ditado (que ora é mais nítido, ora mais confuso)” (ANDRESEN, 2015, p. 896).

Para que a poeta encontre essa imanência nos seres que contempla, sua escrita filtra até os confins as linhas objetivas da realidade física (MOISÉS, 2013). É possível, portanto, estabelecer paralelos entre sua poesia e a estrutura lírica moderna analisada por autores como Hugo Friedrich, para quem a poesia moderna se constitui “em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos” (FRIEDRICH, 1978, p. 16).

Diante das mencionadas tensões e forças absolutas, observa-se que o emprego de diferentes recursos sonoros adquire importância central na poética da autora e evidencia uma intensa musicalidade. Assim, as palavras adquirem o máximo poder de sugestão e dialogam com “a evidência elementar do vento, da bruma, do mar, do jardim exposto e secreto [...] à espera de que o poeta a descubra para aceder do seu próprio silêncio à revelação” (LOURENÇO, 2019, p. 27).

A musicalidade dos versos de Andresen, privilegia um dizer natural

que se volta, em última instância, para a busca por uma essência por meio de cada unidade de sentido. Tal poder de sugestão é responsável, conforme Candido (2006, p. 45), por formar no “leitor ou ouvinte uma impressão não necessariamente contida na sua estrutura peculiar de signo linguístico”.

Como manifestação exemplar de musicalidade e interseção entre as sonoridades das palavras, pode-se observar o poema “Um dia”:

Um dia, mortos, gastos, voltaremos
A viver livres como os animais
E mesmo tão cansados floriremos
Irmãos vivos do mar e dos pinhais.
O vento levará os mil cansaços.
Dos gestos agitados, irreais,
E há-de voltar aos nossos membros lassos
A leve rapidez dos animais.

Só então poderemos caminhar
Através do mistério que se embala
No verde dos pinhais, na voz do mar,
E em nós germinará a sua fala.
(ANDRESEN, [1947] 2015, p. 171).

O poema apresentado, segue um esquema fixo de rimas evocando uma regularidade sonora que estabelece também um apelo discursivo. Desse modo, à percepção de constância evocada pelas rimas, é possível associar uma sensação de harmonia e equilíbrio contrária à percepção dos “gestos agitados, irreais” mencionados pelo eu lírico, como se a forma de dizer remetesse diretamente a uma temporalidade lenta, contemplativa.

No nível semântico, a poeta aproxima a linguagem humana à manifestação e presença dos elementos da natureza, estabelecendo um diálogo com a perspectiva de que “a nomeação é a forma encantatória de, na poesia, restituir aos objetos a sua realidade, a sua pureza, ou a sua força mágica” (ROCHA, 1994, p. 167). Por meio da utilização do recurso metafórico que ocorre, conforme observa Antonio Candido (2006, p. 122), “como se a transferência semântica se fizesse espontaneamente”, observa-se a associação de características das plantas à condição humana, explicitada pelo uso de verbos como *floriremos*. Observa-se, assim, um contexto discursivo em que a palavra passa a sugerir

um “encantamento, uma evocação e um exorcismo da coisa que nomeia” (FRIEDRICH, 1978, p. 28).

A noção de “sagrado” também é evidenciada na poética andreseana, uma vez que a autora se mostra alinhada a uma perspectiva ecocrítica que procura uma “ressacralização’, por assim dizer, de nossas percepções do mundo natural” (BICCA, 2018, p. 163), capaz de colocar os múltiplos ecossistemas acima dos interesses humanos (BICCA, 2018).

No poema observado, “Um dia”, essa ressacralização é ressaltada pela evocação do mar, dos pinhais e dos animais, ou seja, das diferentes formas da natureza. Assim, em oposição aos “gestos agitados, irreais” associados à condição do sujeito moderno, a autora propõe “a leve rapidez dos animais”, que lhes possibilita “caminhar através do mistério”.

Em “Um dia”, versos como “Através do mistério que se embala/ No verde dos pinhais, na voz do mar” (ANDRESEN, 2015, p. 171), utilizam-se de recursos expressivos como as aliteraões, que são constantes sonoras ou, antes, um efeito sonoro particular (CANDIDO, 2006, p. 33). Nesse caso, a repetição do som das letras s e v remete diretamente ao efeito sonoro manifestado pela passagem do vento. Do mesmo modo, observa-se uma regularidade de rimas (cansaços/ lassos; irreais/ animais etc.) responsável por estabelecer “uma sonoridade contínua e nitidamente perceptível no poema” (CANDIDO, 2006, p. 62), o que também vai ao encontro de uma unidade almejada, expressa como sentido íntimo do texto.

Nesse universo poético, palavra e natureza partilham de uma mesma essência, aspecto que pode ser observado em outro poema, “Manuel Bandeira”, no qual a autora homenageia o poeta brasileiro nascido em Recife-PE. Nesses versos, o eu lírico se refere aos versos de Bandeira como “parte do tempo respirado”:

Este poeta está
Do outro lado do mar
Mas reconheço a sua voz há muitos anos
E digo ao silêncio seus versos devagar

Relembrando
O antigo jovem tempo tempo quando

Pelos sombrios corredores da casa antiga
 Nas solenes penumbras do silêncio
 Eu recitava
 “As três mulheres do sabonete Araxá”
 E minha avó se espantava

Manuel Bandeira era o maior espanto da minha avó
 Quando em manhãs intactas e perdidas
 No quarto já então pleno de futura
 Saudade
 Eu lia
 A canção do “Trem de ferro”
 E o “Poema do beco”
 Tempo antigo lembrança demorada
 Quando deixei uma tesoura esquecida nos ramos da cerejeira

Quando
 Me sentava nos bancos pintados de fresco
 E no Junho inquieto e transparente
 As três mulheres do sabonete Araxá
 Me acompanhavam
 Tão visíveis
 Que um eléctrico amarelo as decepava

Estes poemas caminharam comigo e com a brisa
 Nos passeados campos da minha juventude
 Estes poemas poisaram a sua mão sobre o meu ombro
 E foram parte do tempo respirado
 (ANDRESEN, [1967] 2015, p. 564-565).

O poema apresentado evidencia diversas marcas intertextuais com poemas de Manuel Bandeira, revelando uma consciência histórica que aproxima ambos os poetas, ainda que separados geograficamente, de acordo com a referência inicial “do outro lado do mar”. Tomando por base a memória dos versos do poeta brasileiro, o eu lírico do poema andreseano menciona o poema “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”, de Manuel Bandeira, no qual o eu lírico discorre sobre três figuras femininas presentes no cartaz publicitário da marca de sabonetes Araxá:

Astrês mulheres dosabonete Araxá me invocam, me bouleversam,
 me hipnotizam,
 Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!
 O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá! [...]
 (BANDEIRA, 2009, p. 125).

A evocação às três mulheres do anúncio, no poema de Bandeira, configura uma íntima relação com o universo da cultura de massa, elemento bastante comum à primeira fase do modernismo brasileiro. Tais figuras, por sua vez, adquirem, na releitura proposta por Andresen, uma carga semântica que remete diretamente à temporalidade idílica da infância, das memórias afetivas. Ao confessar: “Manuel Bandeira era o maior espanto da minha avó/ Quando em manhãs intactas e perdidas/ No quarto já então pleno de futura/ Saudade/ Eu lia [...]”, o eu lírico sugere, por meio do olhar para a infância, a ideia de um reencontro com algo que foi perdido, com o ausente, sugerindo, assim a ideia de uma suspensão temporal (PEREIRA, 2003, p. 40).

Do mesmo modo, “Trem de ferro” e “Poema do beco”, poemas de Manuel Bandeira, são evocados pelo eu lírico andreseano e representam uma “lembrança demorada”, imagem que também se mostra em consonância com os elementos rítmicos evidenciados no poema “Manuel Bandeira”. Assim, a poeta ressalta a palavra “Saudade”, que se materializa com a imagem da tesoura esquecida entre os “ramos da cerejeira”.

Entre os recursos textuais empregados no poema, observa-se o encadeamento, definido pelo próprio Manuel Bandeira, no ensaio crítico: *A versificação em língua portuguesa*, como “repetir de verso a verso fonemas, palavras, frases e até um verso inteiro. Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres” (BANDEIRA, 2009, p. 122).

Esse recurso está presente no verso “O antigo jovem tempo tempo quando”, com o objetivo de evidenciar uma outra percepção da temporalidade, associada à fruição e à contemplação. Também é possível verificar esse recurso na repetição de “As três mulheres do sabonete Araxá”, que aparece como um motivo recorrente para sugerir, assim, a ideia de que os poemas “caminharam comigo e com a brisa”, ou seja, tornaram-se integrados à própria vivência do eu lírico.

Ao longo do poema, a linguagem poética é destacada como um encontro do eu lírico com a sua própria identidade, na medida em que, conforme Paz (1991, p. 54), a poesia afirma “um tempo anterior à história”. Com isso, o mar

adquire uma dimensão importante como imagem nos primeiros versos, pois simboliza também a distância territorial entre Portugal e Brasil, ainda que o eu lírico reconheça a voz do poeta “há muitos anos”.

Nesse contexto, o tempo vivido é também poesia, ganha um corpo, ou seja, uma expressão concreta, conforme indica o eu lírico: “Estes poemas poisaram a sua mão sobre o meu ombro”. A linguagem, assim, é representada em uma analogia com o próprio ar, ou seja, parte do “tempo respirado”.

Sob essa ótica, também é possível analisar a linguagem utilizada no poema “Navio naufragado”, que evidencia também a busca por um sentido musical:

Vinha dum mundo
Sonoro, nítido e denso
E agora o mar o guarda no seu fundo
Silencioso e suspenso.

É um esqueleto branco o capitão,
Branco como as areias,
Tem duas conchas na mão
Tem algas em vez de veias
E uma medusa em vez de coração.

Em seu redor as grutas de mil cores
Tomam formas incertas quase ausentes
E a cor das águas toma a cor das flores
E os animais são mudos, transparentes.

E os corpos espalhados nas areias
Tremem à passagem das sereias,
As sereias leves de cabelos roxos
Que têm olhos vagos e ausentes
E verdes como os olhos dos videntes
(ANDRESEN [1947], 2015, p. 158).

Ao longo desse poema, a autora lança mão, novamente, de diversos recursos sonoros, como rimas cruzadas, ou seja, que “em vez de se sucederem em parênteses, se alternam” (BANDEIRA, 2009, p. 1221) – elemento verificado ao longo do poema exceto na última estrofe, com nova configuração a partir de “Areias/Sereias” e “ausentes/videntes”. Também são evidenciadas aliterações, definidas por Bandeira (2009, p. 1222) como a “rima dos começos das palavras”, que quase sempre sugere uma harmonia imitativa (BANDEIRA, 2009, p. 1222),

evidenciadas pelas repetições das consoantes *s* em “Silencioso e suspenso” e em “E verdes como os olhos dos videntes”. Nesse sentido, o eu lírico descreve a imagem de um naufrágio, associada à percepção da modernidade segundo a perspectiva da autora.

A poeta novamente recorre a representações de espécies vegetais e animais mediante o uso do recurso metafórico, por meio das quais descreve os restos mortais do capitão do navio, em que são observadas “algas em vez de veias” e “uma medusa em vez de coração”. Uma vez que a conjuntura político-social adquire um aspecto coercitivo, de modo que a imagem da decomposição em que se encontra o cadáver contrasta com a intensa e exuberante vida marítima que povoa o fundo do oceano.

Nesse contexto, verifica-se a especial ênfase ao mar e às imagens marítimas, as quais perpassam o poema em sua totalidade, representando, metaforicamente, “não só o percurso da vida, mas também o seu ressurgimento para além das fronteiras do tempo” (MALHEIRO, 2008, p. 190). Assim, ao se voltar, em estado contemplativo, para as formas marítimas, a autora define uma busca não de uma imitação do real, mas de uma outra realidade, descoberta na linguagem (PEREIRA, 2003).

Ao longo do poema, Andresen apresenta novamente o emprego regular de rimas, como *mundo, fundo, denso e suspenso* e, aliterações, como nos versos “Tem algas em vez de veias/ E uma medusa em vez de coração”, recursos que indicam uma musicalidade cujo objetivo é produzir uma sensação de consonância entre palavra e natureza diante de um cenário devastador.

O elemento rítmico também é explorado sugestivamente: a autora intercala sílabas fortes e fracas seguindo um encadeamento constante ao longo do poema, como nos versos “Em seu redor as grutas de mil cores/ Tomam formas incertas quase ausentes”. Nesse contexto, o elemento rítmico é responsável por atribuir uma dimensão orgânica ao poema, uma vez que, conforme Antonio Candido (2006, p. 69), “também a vida se manifesta basicamente por meio de ritmos: a pulsação cardíaca, o movimento respiratório, a marcha, o gesto”.

Ao final do poema “Navio naufragado”, a autora contrapõe os restos mortais da tripulação, espalhados nas areias, com a presença mítica das

sereias “leves de cabelos roxos”. As sereias podem ser interpretadas, conforme a sua representação mitológica, como “criações do inconsciente, dos sonhos alucinantes e aterradores em que se projetam as pulsões obscuras e primitivas do ser humano” (BRANDÃO, 2013, v. 3, p. 25). Essas pulsões obscuras e primitivas, são tensionadas pela perspectiva de um «mundo/ Sonoro, nítido e denso», indicando uma tensão constante na poética de Andresen entre a busca por uma unidade essencial, frequentemente expressa por meio das representações da natureza, e um mundo fragmentado pela perspectiva de uma modernidade devastada, na qual os “olhos vagos e ausentes” sinalizam um profundo descompasso entre civilização e modelos de vida sustentáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo, buscou-se refletir sobre as representações da natureza na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, a partir da análise de três poemas da autora: “Um dia”; “Manuel Bandeira” e “Navio Naufragado”.

Verificou-se que os poemas selecionados sugerem constantemente uma busca por um sentido essencial em cada elemento poético, por meio de representações imagéticas e sonoras que evocam diversas representações da natureza. Assim, a autora evidencia uma noção de temporalidade oposta à perspectiva de fragmentação do ritmo da vida que se instaura a partir da modernidade, manifestando uma consciência ecocrítica, fundamentada por um olhar consciente sobre a necessidade de preservação da vida e do meio ambiente, propondo reflexões sobre o modelo de vida que despertou uma crise ambiental sem precedentes.

Nesse contexto, as representações das formas da natureza se destacam nos versos da autora, que atribui especial ênfase ao mar e às imagens marítimas, os quais perpassam pela obra andreseana em sua totalidade e representam “não só o percurso da vida, mas também o seu ressurgimento para além das fronteiras do tempo” (MALHEIRO, 2008, p. 190). Ao analisar os recursos textuais empregados em poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen selecionados para esse artigo, pôde-se observar um constante uso da linguagem sugerindo

uma consonância entre palavra e natureza, em oposição a uma realidade e a um tempo divididos.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra poética**. Portugal: Porto Editora, 2015.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Organização geral e prefácio André Seffrin. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2009.

BICCA, Luiz. **Vida cotidiana e pensamento ecológico**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Petrópolis: **Vozes**, 2013. v. 3.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FERNANDES, Annie Gisele. Sophia, o viver, o real, o mundo. Ou apenas poesia. *In*: POMA, P. (Org.). **Sophia**: singular plural. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

FERRAZ, Eucanaã. Sophia: cesteira e cesto. *In*: TAVARES, M. A. S. (org.). **Sophia de Mello Breyner Andresen**: actas do Colóquio Internacional. Centro Nacional de Cultura. Porto: Porto Editora, 2013.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

LOURENÇO, Eduardo. Para um retrato de Sophia. *In*: POMA, P. (org.). **Sophia**: singular plural. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

MALHEIRO, Helena. **O enigma de Sophia**: da sombra à claridade. Lisboa: Oficina do Livro, 2008.

MARTELO, Rosa Maria. Modernidade e senso comum: o lirismo nos finais do século XX. In: **Cadernos de literatura comparada**: literatura e identidades. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Porto: Universidade do Porto, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2013.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do Romantismo à Vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PEREIRA, Luís Ricardo. **Sophia de Mello Breyner Andresen**: inscrição da Terra. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.